



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS - UAL
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

RAIANNY LOPES DUARTE

**MULTILETRAMENTOS: UMA NOVA CONCEPÇÃO NO ENSINO DA
ESCRITA**

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

RAIANNY LOPES DUARTE

**MULTILETRAMENTOS: UMA NOVA CONCEPÇÃO NO ENSINO DA
ESCRITA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em letras, do centro de formação de professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de Título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr. Hérica Paiva Pereira

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D812m Duarte, Raianny Lopes

Multiletramentos: uma nova concepção no ensino da escrita / Raianny
Lopes Duarte. - Cajazeiras, 2016.

43f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Leitura e escrita. 2. Letramentos. 3. Multiletramento. I. Pereira,
Hérica Paiva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

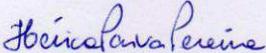
UFCG/CFP/BS

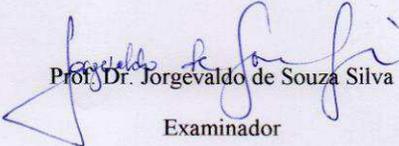
CDU - 028.1

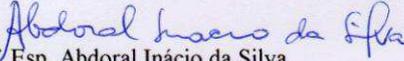
Título do Trabalho- **Multiletramentos: uma nova concepção no ensino da escrita.**

Aluna: **Raianny Lopes Duarte**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 27 / 05 / 2016 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Letras, com a Média Final 9,7 pela seguinte Banca:


Profª. Dra. Hérica Paiva Pereira
Orientadora


Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
Examinador


Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Examinador

Cajazeiras – PB

2016

***Aos meus pais: Miriam Lopes Duarte e
José Gonçalves Duarte, pelo incentivo
e dedicação.***

AGRADECIMENTOS

Este momento do trabalho permite-me relembrar episódios cruciais para o meu crescimento pessoal e intelectual, já que trabalhar e estudar ao mesmo tempo não são tarefas fáceis, porque requer muitas renúncias como, dormir tarde, acordar cedo e sacrificar feriados e finais de semana para estudar. No entanto tudo isso me proporcionou um amadurecimento diante das dificuldades encontradas no caminho e a certeza de que nada é impossível quando se tem força de vontade.

Mediante essas considerações iniciais agradeço a Deus pela vida, discernimento em minhas escolhas e força incessante que me proporciona vencer os obstáculos diários.

Agradeço a meus pais, Miriam Lopes Duarte e José Gonçalves Duarte pelo carinho e dedicação desde o meu nascimento, sempre me incentivando a ser uma pessoa melhor e fortalecendo-me nos momentos difíceis.

Agradeço também especialmente a minha orientadora, Hérica Paiva Pereira, pela predisposição em me ajudar sempre com muita paciência, enriquecendo este trabalho com as suas considerações.

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

Fernando Pessoa, Odes de Ricardo Reis

RESUMO

Neste trabalho ressaltamos a importância da propagação da pedagogia dos multiletramentos, mediante a multiplicidade de linguagens que envolve cultura e valores de diferentes sujeitos, dando origem a gêneros textuais híbridos, que por sua vez, são altamente interativos e colaborativos nas ações sociais comunicativas, na medida em que tem sua circulação acelerada na sociedade com o advento das novas tecnologias de informação. A escolha dos multiletramentos como fundamento neste trabalho se deve a querermos mostrar que, com o surgimento das novas tecnologias, os letramentos são insuficientes para a construção de sentidos, visto que aborda somente as habilidades de leitura e escrita nas práticas sociais, que são cada vez mais bombardeadas com as multissemiões provenientes do mundo contemporâneo. Nesta perspectiva, o objetivo da pesquisa é mostrar a importância do trabalho com a escrita através dos multiletramentos, bem como refletir sobre a contribuição dos gêneros digitais neste tipo de atividade. Para fundamentar a pesquisa, nos embasamos nos estudos de Soares (2014), Tfouni (1997), Kleiman (1995), Street (2014), Marcuschi (2010), Rojo (2012), Gomes (2011), Dolz; Schneuwly (2004), Lima (1985), Antunes (2009), Xavier (2010), Komesu (2010) e outros. Quanto à pesquisa, é uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico. Para destacar a importância dos multiletramentos, apresentamos uma proposta de trabalho com a escrita, com o gênero conto, tendo por suporte o blog, para enfatizar a importância do uso da sequência didática como instrumento metodológico a fim de representar uma situação real de comunicação e, assim favorecer uma melhor produção textual.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos. Letramentos. Multissemiões. Sequência didática.

ABSTRACT

In this work, we emphasize the importance of spreading the pedagogy of multiliteracies by the multiplicity of languages that involves culture and values of different subjects, giving source to textual genres hybrids, which in turn, are highly interactive and collaborative in communicative social activities, as in has its accelerated movement in society with the advent of new information technologies. The choice of multiliteracies as the basis of that work is due to wanting to show that, with the emergence of new technologies, literacies are insufficient for the construction of meaning, since it only deals with reading and writing skills in social practices, which are increasingly more bombarded with multissemioses from the contemporary world. In this perspective, the objective of the research is to show the importance of working with writing through multiliteracies and reflect on the contribution of digital genres in this type of activity. To support research in embasamos studies Soares (2014), Tfouni (1997), Kleiman (1995), Street (2014), Marcuschi (2010), Rojo (2012), Gomes (2011), Dolz; Schneuwly (2004), Lima (1985), Antunes (2009), Xavier (2010), Komesu (2010) and others. The research is a qualitative approach, bibliographical nature. To highlight the importance of multiliteracies, present a proposal to work with writing, with the genre tale and is supported by the blog, to emphasize the importance of using didactic sequence as a methodological tool to represent a real situation of communication and, thus enable a better textual production.

KEY WORDS: Multiliteracies. Literacies. Multissemioses. Didactic Sequence.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 NOVOS LETRAMENTOS: UMA FORMA DE ATRIBUIR SENTIDO AS NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS	11
2.1 LETRAMENTO: ORIGEM E SIGNIFICADO	11
2.1.1 Multiletramentos: novas práticas letradas a partir de multimodalidades	20
2.2 GÊNEROS TEXTUAIS E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA	25
2.2.1 Gênero conto popular: conceitos e peculiaridades	30
2.2.2 O blog: um novo espaço para o uso da escrita	34
3. PROPOSTA DIDÁTICA PARA PROMOÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO POPULAR E BLOG	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A chegada da era tecnológica no mundo contemporâneo ressalta ainda mais a constante transformação da língua, por conseguinte, a contribuição dos gêneros textuais é de suma importância para promover a diversidade linguística e cultural promovidas pelas novas tecnologias de informação.

Pensando em tornar o aluno, que por sua vez já nasceu na era tecnológica, um agente capaz de apropriar-se de sua própria história e cultura, este trabalho justifica-se por trazer para a escola uma prática do cotidiano dos alunos, com a intenção de desenvolver suas habilidades escritas a partir de seus conhecimentos prévios de mundo, como também seus valores e sua cultura, dado que ainda é pouco explorado o trabalho com as novas tecnologias em sala de aula. Para isso, o objetivo desta pesquisa é mostrar a importância do trabalho com a escrita através dos multiletramentos, bem como refletir sobre a importância dos gêneros digitais neste tipo de atividade.

Para fundamentar este trabalho nos baseamos nos estudos de Soares (2014), Tfouni (1997), Kleiman (1995), Street (2014), Marcuschi (2010), Rojo (2012), Gomes (2011), Dolz; Schneuwly (2004), Lima (1985), Antunes (2009), Xavier (2010), Komesu (2010) e outros, que trabalham com letramentos, gêneros textuais e digitais.

A metodologia aplicada é uma pesquisa bibliográfica, que com base nas afirmações de Marconi e Lakatos (2010), o pesquisador pode usar como instrumento de trabalho as mais diversas fontes de pesquisas já publicadas como, por exemplo, livros, artigos, teses, etc, ou até mesmo materiais gravados.

O Trabalho está estruturado em três partes que compreendem a introdução como primeiro capítulo, em que apresentamos a proposta da pesquisa, assim como seus objetivos, justificativa, fundamentação teórica e metodologia.

O segundo capítulo trata dos novos letramentos como uma forma de atribuir sentido às novas práticas sociais. Para isso, definimos o termo letramento e seu desenvolvimento nas práticas sociais que envolvem leitura e escrita, bem como a abordagem dos paradigmas entre letramento individual e social enfatizado por Soares (2014), e o modelo autônomo e individual do letramento, ressaltado por Street (2014).

No tópico que diz respeito aos Multiletramentos: novas práticas letradas a partir de multimodalidades, falamos sobre a diversidade de semioses por meio da linguagem verbal e não verbal, presentes nas novas tecnologias de informação, bem como a importância dos multiletramentos para a atribuição de sentido. Já na parte dos Gêneros textuais e sequências didáticas, conceituamos os gêneros textuais e abordamos a importância do ensino de língua a partir dos gêneros, bem como produções textuais através das sequências didáticas. Nos tópicos Gênero conto popular e Blog: um novo espaço para o uso da escrita, enfatizamos as características destes gêneros e a sua importância para o ensino de língua.

No terceiro capítulo, apresentamos uma proposta de Sequência didática a ser trabalhada com os multiletramentos através do gênero conto popular e blog, como proposta didática que insere o aluno em diversas modalidades da comunicação como oralidade, escrita e multissemoses que seriam as múltiplas linguagens que circulam na sociedade. E por fim, temos as considerações finais da pesquisa, nas quais expomos os resultados deste trabalho.

CAPÍTULO 2: NOVOS LETRAMENTOS: UMA FORMA DE ATRIBUIR SENTIDO ÀS PRÁTICAS SOCIAIS

2.1 LETRAMENTO: ORIGEM E SIGNIFICADO

Segundo Magda Soares (2014), o termo letramento aparece nos discursos dos especialistas da área de Educação e das Ciências Linguísticas a partir da segunda metade dos anos 80, como uma forma de nomear um fenômeno que ultrapassa a alfabetização e designa todas as práticas sociais de escrita e leitura presentes no convívio social, visto que a alfabetização engloba somente as competências tecnológicas que envolvem tais habilidades, ou seja, codificação e decodificação.

Novas palavras surgem na mesma proporção de novas ideias ou fenômenos, assim, é através do vocábulo “literacy” proveniente da língua inglesa e de sua etimologia originada do latim que se obtém o significado de letramento. O sufixo – cy da palavra “literatecy”¹ remete a ideia de qualidade ou condição, portanto, esse vocábulo significa “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever”, como propõe Soares (2014, p.17). Por isso, podemos afirmar que são diversas as consequências advindas das habilidades de ler e escrever em relação tanto a um indivíduo como a um grupo social, porque tais capacidades têm o poder de transformar a cultura, a política e a economia de uma sociedade, visto que a apropriação de conhecimentos necessários às práticas sociais de um indivíduo o torna poderoso.

Ainda segundo Soares (op.cit), o surgimento do termo letramento no Brasil aconteceu de forma diferente de países desenvolvidos como França e Estados Unidos, pois em tais países como a maioria da população sabia ler e escrever, a questão era se as pessoas dominavam essas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. Neste sentido, o conceito de letramento e alfabetização eram fenômenos compreendidos separadamente. Enquanto que no Brasil, como os índices de analfabetismo eram altos, o conceito de letramento e alfabetização acabava se fundindo.

¹ Littera ou litera= letra em latim.

No que diz respeito à alfabetização e o letramento, podemos afirmar que ambos são fenômenos diferentes, porém inseparáveis, pois são fatores interligados entre si no processo de leitura e escrita. Enquanto a alfabetização é uma ferramenta necessária à codificação e decodificação de gêneros, o letramento ultrapassa essas habilidades, pois corresponde às práticas sociais que auxiliam na interação do indivíduo na sociedade por meio da leitura e escrita. Tfouni (1997, p 09), afirma que a escrita é o produto dos processos de alfabetização e letramento na qual formam um conjunto importante para que o indivíduo atribua sentido àquilo que decodifica ou codifica.

É importante ressaltar, entretanto, que uma pessoa pode não saber ler nem escrever e ainda assim ter um determinado nível de letramento, porque o mundo reflete as práticas sociais nas quais ela está inserida de forma direta ou indireta através da escrita. Dessa maneira, uma criança que ouve contos de fada antes de dormir e sabe que quando o semáforo está vermelho indica que o veículo deve parar, ela tem um determinado nível de letramento.

Para exemplificar melhor estes níveis de letramento podemos citar o caso de uma pessoa que assiste ao jornal lido pelos jornalistas ou novelas, mas não sabe ler, no entanto entende o que se diz. Essa pessoa é de certa forma letrada, porque utiliza indiretamente a escrita e a leitura por meio de um indivíduo alfabetizado. Por essa razão, não se pode afirmar que um sujeito é “iletrado”, nem tão pouco falar-se em grau zero de letramento, mas sim, em níveis de letramento, como bem enfatiza Tfouni a seguir:

[...] o termo “iletrado” não pode ser usado como antítese de “letrado”. Isto é, não existe nas sociedades modernas, o letramento “grau zero” que equivaleria ao “iletramento”. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são “graus de letramentos”, sem que com isso se pressuponha sua inexistência (Tfouni 1997, p. 23).

Neste contexto, o letramento abrange tanto as pessoas que adquiriram as habilidades de leitura e escrita como aquelas desprovidas de tais habilidades, ou seja, pessoas letradas, porém não alfabetizadas.

Para Tfouni o letramento interfere no nível individual e social da escrita como fator importante para o desenvolvimento cognitivo, econômico, político e cultural de uma sociedade. Para a autora,

[...] o letramento pode atuar indiretamente e influenciar até mesmo culturas e indivíduos que não dominam a escrita. Esse movimento mostra que o letramento é um processo mais amplo que a alfabetização, porém intimamente relacionado com a existência e influência de um código escrito (Tfouni 1997, p. 38).

O indivíduo inserido na sociedade através do letramento apropria-se das práticas sociais e culturais, relacionadas à leitura e escrita para melhor comunicação e interação. Podemos afirmar, portanto, que até mesmo os indivíduos que não se apropriaram do código escrito são letrados pelo fato de estarem inseridos em uma sociedade em que a escrita está em toda parte, por isso ele acaba participando de atividades letradas mesmo que indiretamente, inviabilizando a divisão entre letrados e iletrados.

Magda Soares (2014), ainda define o letramento mediante duas dimensões: a dimensão individual e a dimensão social, que de acordo com o contexto social a primeira ou a segunda dimensão poderá ser privilegiada no conceito de letramento, enquanto que a dimensão individual do letramento está relacionada com a tecnologia de leitura e escrita que o indivíduo possui. Em relação à leitura, essa dimensão engloba diversas habilidades que não se limitam apenas a decodificação de palavras, reconhecimentos de símbolos ou identificação de unidades sonoras, mas enfatiza também a compreensão e interpretação de textos, compreensão dos diversos sentidos das figuras de linguagem, inferência de sentidos do texto entre outras habilidades cognitivas, linguísticas e psicológicas que envolvem a dimensão individual do letramento de cada sujeito.

No que se refere à escrita voltada para a perspectiva da dimensão individual do letramento, a autora afirma que essa capacidade requer habilidades diferentes daquelas exigidas para a leitura, mas que por sua vez não se opõem, ao contrário, complementam-se. Nessa perspectiva, as habilidades de escrita vão desde o uso da caligrafia mecânica, sem atribuição de sentido, e reprodução dos sons da fala até o uso correto de pontuação, escolha do público leitor, transposição

e organização do pensamento, entre outras habilidades de escrita linguísticas, metacognitivas e psicológicas.

No que diz respeito à dimensão social do letramento a pesquisadora afirma que tal fenômeno não compreende somente habilidades individuais, mas envolve também as práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita, ou seja, para essa perspectiva o letramento é considerado um fenômeno cultural. Na definição dessa dimensão existem duas interpretações importantes: a interpretação progressista ou liberal, considerada uma versão fraca, e a interpretação revolucionária ou radical, considerada uma versão forte da dimensão social do letramento.

De acordo Soares (op. cit.), na perspectiva progressista ou “liberal” da dimensão social, o letramento está intrinsecamente ligado às formas pragmáticas relacionadas à leitura e à escrita que o indivíduo participa em seu contexto social para melhor desempenhar as atividades de sua cultura a fim de cumprir as funções exigidas pela sociedade na qual está inserido.

Em relação à interpretação revolucionária ou radical da dimensão do letramento, diferentemente da perspectiva liberal, a autora considera relevante o aspecto individual em relação ao letramento. Para a perspectiva radical, os contextos sociais que envolvem a leitura e a escrita são determinados pelos indivíduos, o que caracteriza mais amplitude, resultado de transmissão de valores, crenças, tradições e formas de distribuição de poder, como afirma (SOARES 2014).

Na concepção de Street (2014), o letramento pode ser caracterizado ainda de acordo com duas concepções de uso da escrita, o modelo autônomo e o modelo ideológico. Para o pesquisador, o modelo autônomo de letramento apesar de ser dominante nas escolas e na sociedade em geral, é considerado uma concepção equivocada, pois defende a ideia de que o letramento desenvolve-se por meio de uma única forma isolada e independente. Este considera apenas o que está no interior do texto escrito, assim, ignora a oralidade, porque para tal modelo esse tipo de linguagem fragiliza a autonomia da escrita, a medida que separa a língua do sujeito, transformando-a em um objeto carregado de regras gramaticais. Com isso, o pesquisador não aceita a metalinguagem como um fenômeno de letramento especificamente.

Quanto à transformação da língua em objeto, o autor afirma que esse processo acontece principalmente na escola, pois é nesse momento que as regras

gramaticais distanciam os alunos das relações sociais da escrita e desprezam também a oralidade.

Em relação ao modelo ideológico de letramento, Street (2014), defende que tal modelo não dicotomiza a oralidade e a escrita, fenômeno caracterizado como grande divisão pelo autor. Esse tipo de letramento corresponde ainda, a cultura e o poder de uma sociedade adquiridos através da escrita, bem como representa a pluralidade das práticas sociais, visto que são vários os tipos de letramentos que mudam de acordo com o contexto das práticas sociais. Isto é, são diversos os tipos de eventos de letramentos que contribuem com a socialização e interação dos indivíduos no meio social de acordo com suas necessidades.

Ainda segundo Street (op. cit), o letramento no modelo autônomo é algo técnico que não se prende ao contexto social das práticas letradas. Já o modelo ideológico relaciona cultura e poder em uma determinada sociedade, porém, não ignora a técnica empregada em atividades letradas, mas sim compreende técnica, cultura e poder.

De acordo com o estudioso, o modelo ideológico associa leitura, escrita e oralidade como subcategorias da comunicação, enfatizando a interação dos indivíduos com a sociedade na qual estão inseridos, promovendo-lhes poder, sejam como falante, ouvinte, escrevente ou leitor. Todas essas modalidades de comunicação exigem instruções que são denominadas como pedagogização do letramento, que não é um processo exclusivo da escola, pois relaciona as práticas sociais relacionadas à leitura e a escrita. Para o autor:

[...] empregamos *pedagogia* não no sentido estrito de habilidades e estratégias do tipo usado por professores, mas no sentido mais amplo de processos institucionalizados de ensino e aprendizagem, habitualmente associados à escola, mas cada vez mais identificados em práticas domésticas associadas à leitura e a escrita. Seja observando interações adulto-criança, o desenvolvimento de brinquedos e *softwares* educativos em casa, ou os procedimentos associados ao ensino em sala de aula, *pedagogia* assumiu neste sentido o caráter de uma força ideológica que controla as relações sociais em geral e, em particular, as concepções de leitura e escrita (Street 2014, p. 122).

A pedagogização do letramento, portanto, é um tipo de pedagogia que busca compreender como se manifesta todas as variedades de letramento, em

qualquer lugar, seja em casa, na escola ou na rua através de panfletos, propagandas ou qualquer outro tipo de gênero que envolva escrita e leitura como interação social, ressaltando a heterogeneidade do letramento.

Para o estudioso, uma maneira de definir pedagogização do letramento é subdividir esse processo nos mais diversos ambientes em que o letramento está inserido. Tais processos dividem-se em rotulação do espaço e procedimentos. A rotulação do espaço é justamente um ambiente diferente do cotidiano destinado ao ensino e aprendizado, ao passo que os procedimentos são as maneiras nas quais os docentes e alunos utilizam e falam do letramento.

Muitas vezes, os processos de pedagogização de letramento, promovidos pela escola, empregam a oralidade e a escrita separadamente, fato que enfatiza ainda mais a grande divisão promovida pelo modelo autônomo entre tais modalidades de comunicação. Tal processo camufla o modelo ideológico encontrado nos contextos sociais dos indivíduos cotidianamente.

O autor enfatiza, ainda, a existência de múltiplos letramentos em oposição a uma única forma, encontrada principalmente na escola, que torna essa multiplicidade uma forma homogeneizada. Assim, o pesquisador defende que a variação do letramento acontece em consonância com o contexto social e os participantes da comunicação, e que existem dois conceitos que nos permitem defender essa afirmação, que são os eventos de letramento, por sua vez capazes de associar oralidade e escrita na interação social, como por exemplo, palestras, seminários e atas, e também as práticas de letramento que são justamente os níveis dos usos da leitura e da escrita nas práticas sociais.

O indivíduo, portanto, tem contato com diversos tipos de letramentos nos quais em sua maioria não são encontrados na escola, mas que fazem parte de seu cotidiano e constituem um ato social no qual ele está envolvido. Com isso, é coerente afirmar que o letramento está em todo lugar a disposição das pessoas a fim de que elas apropriem-se de tal fenômeno para melhor desempenhar suas atividades cotidianas, e não somente na escola, como bem enfatiza Kleiman:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente percebido em termos de uma competência *individual*

necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (Kleiman 1995, p. 20).

A escola, portanto, como principal gerenciador do letramento, deve proporcionar ao aprendente o contato com o maior número de práticas letradas, e não apenas aquelas relacionadas ao ambiente escolar, visto que para uma melhor interação e compreensão dos gêneros predominantes na sociedade, é necessário que o aluno aproprie-se dos tipos de letramentos que circulam no meio social.

Em relação à dicotomização entre a oralidade e a escrita, o que Street (2014) chama de grande divisão, como já foi enfatizado antes, é uma característica marcante do modelo autônomo de letramento e propaga-se principalmente na escola. Tal fenômeno não deve interferir no processo de aquisição da escrita, visto que essa modalidade deve ser pensada como uma continuidade do desenvolvimento linguístico da criança e não um rompimento com a oralidade. Por isso é importante ressaltar mais as semelhanças entre essas duas modalidades comunicativas do que suas diferenças.

A oralidade e a escrita, portanto, não devem ser determinadas como paradigmas das práticas sociais, pois ambas possuem uma interdependência, visto que a língua escrita é a continuidade da aquisição da linguagem iniciada primeiramente na infância com a linguagem oral. É importante enfatizar que a linguagem oral influencia a linguagem escrita e vice-versa, assim, a leitura de clássicos infantis proporciona a criança participar de eventos de letramentos, que podem se estender à escola, igreja, família e sociedade em geral, ou seja, a criança pode participar de vários eventos de letramentos, fato que pode contribuir para um melhor desempenho na escola, visto que tais eventos correspondem a todos os momentos nos quais os indivíduos interagem por meio da leitura e escrita, como escrever ou receber um bilhete, carta ou e-mail, etc.

Apesar de o letramento está intimamente relacionado com a escrita, tal fenômeno forma um conjunto intercalado com a oralidade, que dependerá das necessidades e do contexto social do indivíduo, como por exemplo: fazer um comentário do texto lido em um jornal, revista ou livro. Nessas situações comunicativas, podemos observar um contínuo entre enunciações escritas e faladas

que neutralizam uma possível ruptura entre as modalidades oral e escrita nos eventos comunicativos, como bem enfatiza Street,

[...] o letramento, agora é evidente, não pode ser separado da oralidade com base seja na coesão, seja na conectividade ou no fato de empregar recursos paralinguísticos em oposição a recursos lexicais. Tampouco se pode sugerir que a língua oral é mais encaixada em situações sociais e “intercâmbios”, enquanto a escrita permanece independente e autônoma (Street 2014, p. 187).

Na concepção de Marcuschi (2010), oralidade e letramento constituem um conjunto de práticas sociais e culturais que influenciam diretamente no cotidiano das pessoas através da intersecção entre fala e escrita. Assim, inviabiliza-se uma visão dicotômica entre tais modalidades de comunicação, visto que elas adicionam-se em função dos usos que o indivíduo faz da língua.

Para o pesquisador, enquanto oralidade e letramento são práticas sociais, a fala e a escrita correspondem às modalidades de uso da língua. Observamos, então, uma distinção entre tais dimensões de comunicação e interação social que serão discutidas posteriormente ainda à luz de Marcuschi (op.cit).

A oralidade é uma prática social que as pessoas usam para se comunicarem e interagirem socialmente através de vários gêneros textuais sonoros, que dependerão do contexto de uso da situação comunicativa. Ainda de acordo com o autor já mencionado, uma sociedade possui oralidade secundária quando a escrita é muito usada, em contrapartida com outras sociedades que podem ser completamente orais.

Quanto à fala, podemos afirmar que é uma modalidade que não necessita de nenhuma tecnologia para se realizar além do aparelho fonador do ser humano. Podemos ressaltar, ainda, que tal modalidade de uso da língua não se limita apenas aos sons, visto que os gestos, expressões faciais e o corpo em geral também contribuem com a comunicação.

Já a escrita, embora seja uma complementação da fala, é uma tecnologia que se apresenta através da grafia alfabética, e materializa-se através da representação de códigos com a finalidade de interação social. Podemos afirmar, portanto que, mesmo havendo distinções temos que relacionar a escrita como uma continuidade da fala e não enfatizar que tais modalidades da língua são dicotômicas.

Ainda de acordo com o pesquisador, um fator que contribuiu bastante com a dicotomia estanque entre fala e escrita, foi a visão imanentista que originou boa parte das gramáticas, que por sua vez propagaram a separação entre língua e uso através de regras gramaticais, principalmente na escola. Tal discussão já foi enfatizada anteriormente por Street (2014), quando ele ressalta que a separação entre uso e língua a torna um objeto.

A separação entre língua e uso, então, é inconveniente, pois a língua não é um objeto no qual podem ser separadas forma e conteúdo tendo em vista que fala e escrita fazem parte da língua, e portanto, nenhuma dessas modalidades é mais certa ou mais errada do que a outra, como bem enfatiza Marcuschi,

[...] assim como a fala apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas. Postular algum tipo de *supremacia* ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar deve-se considerar o aspecto que se está comparando e, em seguida, deve-se considerar que esta relação não é homogênea nem constante (Marcuschi 2010, p.35).

O autor também comenta sobre a perspectiva variacionista na qual é enfatizada a variação linguística que engloba as normas padrão e coloquial da língua, que no contexto do ensino caracteriza-se como currículo bidialetal. É interessante ressaltar que essa perspectiva não diferencia fala e escrita, fato que ganha a simpatia do autor que prefere, porém, enfatizar tais habilidades como modalidade de uso da língua, que a partir do momento em que o indivíduo apropria-se da escrita tornar-se um sujeito bimodal, ou seja, capaz de usar duas modalidades da língua.

O letramento, portanto, é um fenômeno que varia de acordo com as práticas sociais dos usuários, o que caracteriza os letramentos múltiplos, que envolve leitura e escrita, mas também abrange outras modalidades como a oralidade e as tecnologias digitais. Por isso, é importante fazer com que os alunos tornem-se sujeitos na apropriação de conhecimentos e cultura, seja na parte da leitura, escrita, oralidade ou multiletramentos.

2.1.1 Multiletramentos: novas práticas letradas a partir de multimodalidades

Segundo Rojo (2012), o conceito de multiletramentos dar-se a partir de duas grandes diversidades, a multiplicidade cultural, que origina gêneros híbridos de diferentes letramentos, proveniente da globalização do mundo contemporâneo, crescente urbanização da população, e a multiplicidade semiótica de formação dos textos. Tudo isso contribui com uma interação e comunicação cada vez mais rápida entre os falantes.

Ainda de acordo com a autora, a multiplicidade de culturas corresponde justamente a hibridização dos letramentos que circulam na sociedade, principalmente no que se refere às novas tecnologias de informação – TIC's, que formam uma diversidade de linguagens que caracterizam a multimodalidade de textos que exigem, dessa maneira, compreensões diferenciadas para a construção de sentido, que são justamente os multiletramentos.

Para a pesquisadora, as multimodalidades ou multissemioses incluem ainda as formas de linguagem não verbal, como imagens, sons e animações que muitas vezes transmitem mais significado ao interlocutor do que a própria forma escrita. Tais modalidades apresentam-se principalmente na forma de hipertextos, que são caracterizados pela hibridização dos gêneros textuais, interatividade e ações dos usuários desse tipo de comunicação.

É muito importante, então, que a escola desenvolva mecanismos necessários para alfabetismos voltados para as novas tecnologias de informação e comunicação, a fim de tornar seus alunos agentes capazes de produzir e receber significados no que se referem aos mais variados tipos de linguagem, seja ela verbal ou não, pois novas tecnologias requerem novos letramentos.

Podemos afirmar também que, os multiletramentos estão mais voltados para a dimensão social ou “modelo ideológico”, pelo fato de abordar novas linguagens cujos usuários se apropriam dela socialmente atribuindo-lhes significados. Nesse novo cenário cultural é necessário que a escola dê oportunidade ao seu aluno de adquirir competências para envolver-se nas mais variadas formas de letramentos contemporâneos. Para isso, é preciso que seja pensada uma pedagogia de multiletramentos, que leve em consideração a multiplicidade de linguagens e as multimodalidades textuais.

Na concepção de Marcuschi (2010), a linguagem flexiona-se de acordo com as necessidades culturais da sociedade, visto que as transformações linguísticas refletem diretamente nas novas tecnologias de informação, dando origem a gêneros textuais ou bem como, a partir de outros gêneros já existentes. Tudo isso propicia o surgimento de letramentos complexos, caracterizados como multiletramentos. Ainda na visão do pesquisador,

os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto a natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo (Marcuschi 2010, p. 15 – 16).

Quanto à flexão e à plasticidade dos gêneros textuais, podemos dizer que os gêneros emergentes como o e-mail e o blog são exemplos significativos dessas mudanças, pois o e-mail apesar de ser virtual derivou-se da carta, que também possui características de envio e recebimento de correspondências. Já o blog originou-se do diário pessoal, que consiste em anotações do cotidiano do autor, com a finalidade de serem compartilhadas com os leitores que possuem afinidade com o material escrito nesse suporte virtual.

Em relação aos multiletramentos, Marcuschi (op.cit), afirma que esse fenômeno social de comunicação apresenta-se principalmente através da hibridização dos gêneros textuais, fato que abrange texto, som e imagem ao mesmo tempo. Tudo isso proporciona várias linguagens que favorecem uma maior velocidade de informações nas práticas sociais do cotidiano dos usuários de tais fenômenos linguísticos.

Ainda de acordo com o pesquisador, três pontos importantes das tecnologias digitais devem ser analisados. O primeiro aspecto é o desenvolvimento de tais tecnologias e o seu uso crescente nas práticas sociais. O segundo ponto a ser observado, são as singularidades das tecnologias de informação, tanto no que se refere à forma como a sua função, que leva em conta as derivações de gêneros já existentes. Já o terceiro aspecto relaciona tais tecnologias com as modalidades de comunicação oral

e escrita, a fim de observar os efeitos que essas tecnologias apresentam na linguagem.

O autor enfatiza, ainda, o surgimento do termo letramento digital, no qual a sociedade passa a ser mais textualizada na medida em que usa muito a escrita em seu cotidiano. Podemos observar a prática de tal modalidade através do uso de blogs, mensagens de texto, e-mail, entre outros gêneros textuais. Estes caracterizam uma cultura extremamente eletrônica, mas que não abre mão da escrita nas práticas sociais, pois tal fenômeno linguístico tem a característica de ser bastante participativo, como bem enfatiza Marcuschi,

[...] um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os *bate-papos virtuais* são *síncronos*, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos. Assim, se com o *telefonema* tornou-se um dia impossível continuar postulando a co-presença física dos interlocutores como característica exclusiva da oralidade, já que era impossível interagir oralmente estando em espaços diversos, hoje se retira também a necessidade da concomitância temporal. Contudo, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo, pois essa propriedade do *bate-papo virtual* não implica a importação automática de propriedades da fala. Existem vários aspectos a serem considerados, pois novas tecnologias não mudam os objetos, mais as nossas relações com eles (marcuschi 2010, p.21).

As novas tecnologias de informações, portanto, constituem multiletramentos que apresentam diversas linguagens como imagens e sons por exemplo. Podemos constatar, porém, que a modalidade escrita é predominante nas interações sociais, visto que muitas vezes os interlocutores comunicam-se concomitantemente através da escrita. A predominância de tal modalidade nessas mídias virtuais também pode ser observada nas redes sociais, nas quais os usuários postam seus sentimentos, informações e inclusive trechos de livros.

O pesquisador enfatiza ainda a hibridização existente nos gêneros midiáticos, assim como em outros gêneros, pois tais interações apresentam multimodalidades na comunicação social. Podemos observar no cotidiano dos indivíduos, por exemplo, a fala mesclada com gestos e sorrisos. Já em relação às novas tecnologias, esse fenômeno linguístico não poderia ser diferente, porque na medida em que tais

práticas sociais apresentam multimodalidades mediante a intersecção de texto, imagem e som, surgem novas construções de sentidos ou significados através de tais ícones, ou seja, os hipertextos. Para maior compreensão deste fenômeno, Gomes diz que o hipertexto,

[...] pode ser entendido como um texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links. Esses links, que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado e, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links. É um texto que se atualiza ou se realiza, se concretiza, quando clicado, isto é, quando percorrido pela seleção de links (Gomes 2011, p. 15).

Toda essa hipermodernidade, portanto, caracteriza-se pela velocidade de informação através das multimodalidades que exige novas práticas letradas, pois apenas o letramento tradicional não dá conta da construção dos significados, visto que tal fenômeno abrange somente as práticas de leitura e escrita. Por isso, é necessário que haja uma pedagogia dos multiletramentos, para que possamos atribuir sentido às multissemoses, que têm a capacidade de refazer-se a cada clique dado.

Ainda de acordo com Gomes (2011), o hipertexto é composto por links, que por sua vez ampliam o significado do texto, pois em apenas um clique podemos avançar ou retomar uma leitura. Os links podem ser também verbais ou não, fato que amplia ainda mais os sentidos através dos hipertextos, mediante uma diversidade de semioses e gêneros textuais.

Para o pesquisador, o hipertexto apesar de constituir uma modalidade escrita, na maioria das vezes, recorre a imagens ou a outro tipo de modalidade para a formação de coerência do texto. Este fato contribui bastante com a construção de significado do texto escrito, na medida em que construímos e organizamos informações no decorrer das práticas sociais cotidianas.

Em relação às multimodalidades provenientes das novas práticas sociais que envolvem hipertextos, Braga (2010), afirma que tais modalidades são dependentes entre si, isto é, agrupam-se para dar sentido ao texto de maneira que o leitor tem a possibilidade de fazer diversas leituras a partir dos textos multimodais. Por isso,

esses tipos de textos podem auxiliar o aprendizado na medida em que um mesmo conhecimento pode ser compreendido através de diversas modalidades. Para isso, é preciso chamar a atenção do discente para hipertextos mais acessíveis, e que atendam à suas necessidades cotidianas.

Para Cavalcante (2010), o hipertexto é uma espécie de mapa cujos links são os pontos de referência dos textos virtuais que constroem significado. Estes, na maioria das vezes, se utilizam da leitura e oferecem liberdade ao leitor na medida em que permite mais possibilidades de interpretação do que o texto impresso. Tudo isso dependerá, no entanto, dos conhecimentos prévios que o leitor possui, dentre outros aspectos cognitivos que podem influenciar na compreensão textual.

Na perspectiva de Xavier (2010) a liberdade que o hiperleitor possui em relação à interpretação do hipertexto não é completa, visto que é critério do autor de tal gênero apresentar determinados links que permitam acesso a outros textos. Tudo isso pode influenciar de maneira significativa a interpretação do leitor, isto é, pode facilitar ou dificultar a leitura, como bem explica o mesmo autor,

ao atualizar o hipertexto e percorrer seus *links*, o hiperleitor estará realizando tentativas de compreensão, efetivando gestos de interpretação ou de uso, porque, em última análise, é ele mesmo quem define a versão cabal do que será lido e compreendido. É bem verdade que ao deixar seduzir pela forma de imprevisibilidade latente em tais ligações digitais, o navegador poderá descobrir fatos e histórias interessantes, mas poderá perder tempo precioso com coisas frugais (Xavier 2010, p. 216).

Ainda de acordo com o pesquisador, para compreendermos o hipertexto é necessário primeiramente entendermos sua leitura e escrita, para que possamos nos apropriar de tal gênero através do conhecimento de suas características e singularidades, com o intuito de melhor interagirmos em uma sociedade imersa nas tecnologias digitais nos dias atuais.

O autor afirma também que a pluritextualidade é uma característica intrínseca do hipertexto, fato que torna a sua leitura sinestésica² porque contém diferentes tipos de linguagens, sejam estas verbais ou não verbais, como é o caso das

² Uma leitura que oferece diferentes sensações como: visuais a partir das imagens; auditivas oriundas do som, etc.

imagens e sons, por exemplo, que intensificam a compreensão do hiperleitor, na medida em que absorve as informações de tais multissemioses.

Ainda em relação ao hipertexto, Xavier (2002), defende que esse gênero apresenta-se por meio de uma equação enunciativa na qual evidencia-se a aglutinação das modalidades texto, imagens e sons, cujo resultado é um modo enunciativo digital, que atribui sentido às diversas semioses envolvidas na comunicação, como em um blog, por exemplo.

É indiscutível, portanto, a necessidade da implementação da pedagogia dos multiletramentos em sala de aula, mediante a multiplicidade cultural contemporânea na qual o aluno está inserido. Por isso, trabalhar com multiletramentos na escola, é possibilitar ao aluno múltiplas escolhas de apropriação do conhecimento, dado que uma mesma informação pode ser transmitida por meio de palavras, imagens ou sons.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA

Os gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2010) são fenômenos históricos que estão ligados à vida cultural e social de cada indivíduo. Estes organizam as nossas atividades do cotidiano e influenciam muito nas interações sociais, na medida em que se caracterizam como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (p.19). Podemos observar tais características através do surgimento das novas tecnologias, e conseqüentemente dos novos gêneros textuais. Tudo isso, porque os gêneros se plastificam de acordo com as nossas necessidades comunicativas orais ou escritas.

Em relação ao surgimento de novos gêneros textuais, Marcuschi (2010) afirma que esse fenômeno acontece principalmente devido às novas tecnologias de informação, que proporcionam o surgimento de gêneros emergentes. Tal fenômeno permite que o indivíduo atenda as suas necessidades de interação social cotidianas de maneira cada vez mais rápida e dinâmica.

Ainda de acordo com o pesquisador, os gêneros emergentes possuem a capacidade de desfazer a dicotomia entre as modalidades oral e escrita, visto que podemos observar diversas linguagens em um mesmo gênero como escrita, som e imagem. Tudo isso enfatiza ainda mais a característica híbrida que os novos

gêneros possuem, a fim de atribuir sentido às práticas sociais que envolvem tais modalidades linguísticas a partir da junção de todas elas.

Em relação à dinamicidade dos gêneros textuais, Marcuschi (2010), fala da importância da diferenciação entre intertextualidade intergêneros, que se caracteriza pela possibilidade de um gênero apresentar funções ou formas de outros, e a heterogeneidade tipológica, que se constitui quando um gênero apresenta diversas sequências textuais.

Os gêneros, portanto, não devem ser caracterizados como eventos puros de comunicação, já que, mediante toda a sua dinamicidade e plasticidade durante as ações sociais, eles são altamente interativos no cotidiano e, portanto necessários à comunicação. Estes podem ser verbais ou não verbais, visto que “são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos” (Marcuschi 2011, p. 20).

Os gêneros textuais, então, são fundamentais no ensino de língua, visto que todo texto realiza-se por meio de gêneros que constituem as atividades socioculturais dos indivíduos. Tendo em vista que tais atividades comunicativas são várias, isto é, manifestam-se nas mais variadas situações linguísticas, é relevante levar em consideração que os gêneros flexionam-se de acordo com as nossas necessidades. Por isso, não podemos definir “os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social” (Marcuschi 2011, p. 18).

Ainda em relação à plasticidade dos gêneros textuais, podemos dizer que a sua flexão é inevitável, visto que no decorrer do tempo, mudam ou surgem novas ações sociais que por sua vez exigem novos gêneros ou derivações de gêneros a partir de outros que já circulam na sociedade, principalmente na contemporaneidade através das novas tecnologias de comunicação que apresentam uma mescla semiótica por meio de modalidades que podem ser escrita, sonora, ou visual. Marcuschi ressalta tudo isso quando diz que:

[...] o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais (Marcuschi 2011, p. 19).

Ainda de acordo com o pesquisador, apesar de todas as transformações que os gêneros sofrem, na mesma proporção da intensidade de sua circulação na sociedade para adequar-se aos moldes sociais, ainda permanecem semelhantes no que se refere à sua organização e função, fato que define a sua relativa estabilidade.

Para o escritor, a circulação dos gêneros na sociedade organizam as atividades sociais, tanto orais como escritas, enfatizando ainda mais o papel funcional que os gêneros exercem na linguagem. No que se refere à escrita ou a fala proveniente de tal modalidade, podemos afirmar que há uma intensa relação social entre gêneros e letramento, visto que todo texto escrito constitui fenômenos comunicativos interacionais. Quanto às modalidades como imagens e sons, podemos falar da relação entre gêneros e multiletramentos, a fim de seguirmos as mudanças impostas pela sociedade, que é altamente sócio-interativa.

Os gêneros constituem e organizam todas as camadas sociais, sejam eles mais simples ou mais complexos quanto à sua função ou forma, o importante é perceber o quanto eles são necessários para a linguagem, e organizam as atividades sociais até mesmo das pessoas que não dominam a leitura e a escrita, como o caso de pessoas que possuem um baixo nível de letramento. Sobre essa afirmação, Marcuschi ressalta que,

[...] existem gêneros que circulam necessariamente em toda a população como formas organizadoras da vida social. São eles os documentos em geral; as contas e notas; nomes de ruas; endereços; cédulas de dinheiro; atestados; formulários etc. Outros gêneros são próprios de certas esferas da vida social como os artigos científicos, os tratados, as resenhas, as notícias jornalísticas e assim por diante. Mas há um grupo que é menos necessário e surge por prazer como todos os gêneros do domínio literário (Marcuschi 2011, p.30).

Visto que só podemos nos comunicar e interagir socialmente através dos gêneros, e que toda língua manifesta-se por meio de tais fenômenos altamente interativos, é muito importante o trabalho com os gêneros em sala de aula. Inicialmente, devem ser explanadas as características dos gêneros mais simples para somente depois trabalhar com outros mais complexos, nos quais é muito interessante a percepção do conteúdo temático, estilo composicional e estilístico de cada gênero, para que o aluno seja capaz de identificar a que gênero pertence

determinado texto e, assim, produzir os mais diversos gêneros que circulam no meio social.

Ainda em relação ao estudo da língua a partir dos gêneros textuais, de acordo com Antunes (2009), as regras gramaticais normativas conseguiriam adquirir suas funções relativas, mediante as singularidades de cada gênero. Já no que se refere à compreensão textual, o aluno passa a entender os propósitos comunicativos do gênero e as intenções do autor em produzi-lo, na medida em que acontecem as ações da vida social. Ainda de acordo com a autora:

[...] Todo texto se concretiza numa determinada forma de construção, que engloba certa sequência de elementos, mais ou menos estipulados. Se somos capazes de, empiricamente, reconhecermos a que gênero pertence determinado texto, é porque identificamos as formas prototípicas de eles se concretizarem numa determinada sequência (Antunes 2009, p. 58).

No que se refere ao trabalho com os gêneros na escola, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os gêneros podem ser considerados como instrumentos de comunicação orais ou escritos. Os autores defendem ainda, a importância do desenvolvimento de sequências didáticas em sala de aula, com o intuito de proporcionar ao aluno um maior conhecimento das características do gênero como estrutura composicional, estilo verbal, temática e funcionalidade, possibilitando-lhe assim, a capacidade de apropriar-se do gênero trabalhado de forma que consiga compreendê-lo e produzi-lo.

A sequência didática, ainda de acordo com os autores, constitui uma metodologia de ensino de gêneros orais ou escritos, que tenta reproduzir uma situação real de comunicação social através da produção textual, levando em conta sua circulação. Para os pesquisadores, a sequência compõe “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p.97).

Segundo os autores, a sequência didática é formada por quatro partes: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final, em que na apresentação inicial, o aluno terá contato com o gênero oral ou escrito, que será trabalhado a partir de sua leitura. Nesse momento é importante que o discente identifique sua temática e estrutura composicional em relação tanto à linguagem

verbal como não verbal, como cores, imagens e tipo de papel impresso, com a finalidade de determinar o suporte e circulação de sua produção. Para isso é extremamente importante que o professor apresente o gênero original para a sala de aula, possibilitando assim, uma pesquisa para estabelecer qual conteúdo será o melhor para o gênero.

O segundo momento corresponde à produção textual, que pode ser feita individualmente ou coletivamente, sempre observando as possibilidades reais de comunicação e circulação do gênero. Posteriormente, o professor deverá recolher as produções a fim de detectar possíveis problemas e solicitar a refacção das redações com as devidas observações quantas vezes for preciso.

Nos módulos, é justamente o momento em que o aluno treina ainda mais a produção do gênero, levando em consideração todos os problemas identificados pelo professor, até chegar o momento da produção final do trabalho. Neste momento o discente terá a oportunidade de praticar tudo o que aprendeu durante os módulos, na medida em que foi refazendo seus textos com base nas observações do professor, e em seguida divulgar suas produções pensando em sua circulação.

Uma questão muito importante, ainda em relação à sequência didática, é a possibilidade do professor desenvolver três conhecimentos linguísticos imprescindíveis para uma melhor realização da modalidade escrita: conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e textuais.

Segundo Oliveira (2010), Os conhecimentos linguísticos são justamente um maior domínio da língua no que se refere tanto à modalidade oral como escrita. Um exemplo dado pelo próprio autor, em relação à falta de tais conhecimentos em qualquer modalidade da língua, é o fato de um estrangeiro não conseguir escrever em determinada língua que não a sua, e um analfabeto apesar de usar a fala, que é uma característica inata do ser humano, não conseguir escrever um texto em sua própria língua.

Quanto aos conhecimentos enciclopédicos, o pesquisador afirma que correspondem aos conhecimentos prévios do indivíduo sobre determinado assunto, visto que só escrevemos sobre aquilo que conhecemos. Por isso, antes de solicitar ao aluno a produção do texto escrito, é necessário prepará-lo, explanando conteúdos importantes para sua redação. Tudo isso faz parte do primeiro momento da sequência didática, que é justamente a apresentação da situação do assunto abordado.

Os conhecimentos textuais, ainda segundo o estudioso, correspondem justamente à identificação do gênero, porque desconhecê-lo dificultaria muito a sua produção textual. Por isso, é importante que na primeira etapa da sequência didática, a apresentação do gênero original seja trabalhada. Nesse momento, o professor deve mostrar a temática discursiva do gênero, sua estrutura composicional e seu estilo verbal, pois conhecendo todas as suas características, o aluno conseguirá produzi-lo com sucesso.

Os gêneros textuais, portanto, são instrumentos muito importantes para o ensino de língua, tanto na modalidade oral como na escrita, visto que organizam as ações sociais. Por isso, é necessário que o professor seja um mediador das características dos gêneros, sobretudo aqueles que mais circulam no cotidiano do aluno, para que ele consiga executar as práticas sociais interativas que a sociedade exige.

2.2.1 Gênero conto popular: conceitos e peculiaridades

Segundo Almeida (2009), o conto popular ou história de trancoso originou-se de lendas e mitos, adquirindo destaque no século XIX com as produções literárias dos irmãos Grimm. Eles coletavam histórias orais da população durante o dia e à noite faziam a retextualização para a modalidade escrita, que proporcionou o surgimento de várias fábulas infantis que estão presentes até hoje na sociedade.

O gênero conto popular possui a oralidade como uma das suas principais características, fato que favorece a transmissão do gênero ao longo do tempo devido a sua rápida circulação entre a sociedade através de tal modalidade da língua.

Assim, para a autora, o conto popular está profundamente ligado à cultura e história de seu povo, visto que a própria sociedade contribui de forma significativa com a sua propagação por meio da modalidade oral, característica que valoriza ainda mais suas origens. Podemos citar como exemplo a literatura de cordel que ainda com o passar do tempo continua viva na região nordeste do país. Tudo isso é explicitado, quando a pesquisadora ressalta que,

apesar dos meios de comunicação em massa, “o contar história”, ainda resiste porque a narrativa e ação do homem estão intimamente

relacionados. No contexto de cada povo e de cada comunidade, seus atores estão articulados e organizados de forma que cada um cumpre seu papel. Os contos possuem uma ligação profunda com as origens socioculturais e pragmáticas, porque envolvem as comunidades por onde passam (Almeida 2009, p. 47).

Ainda de acordo com a pesquisadora, os contos possuem características peculiares que as distinguem dos demais gêneros, pois são transformados ao longo do tempo pelo fato de ultrapassarem épocas, porém sem perder a sua originalidade e encantamento. Para melhor explicitar essas afirmações a autora cita algumas características dessas narrativas,

[...] a capacidade de resistir ao tempo, o anonimato da autoria, a antiguidade, o processo de divulgação, a convivência do homem como o mágico maravilhoso, a ficcionalidade, sem compromisso com a realidade e o reflexo de situações sociais. Contar exige criação de um espaço no qual os sentidos, as normas os valores e as experiências permitem que as pessoas sejam reconhecidas, estabeleçam convívio, solidariedade e recriem uma identidade (Almeida 2009, p. 48).

Contar uma história, portanto, exige um determinado ambiente e sobretudo atenção, pois embora o conto seja caracterizado como um tipo de entretenimento, é preciso que haja silêncio para que o contador consiga transmitir os significados de suas experiências ao ouvinte. E a partir desse momento ele consiga construir sua identidade com as normas e valores repassados, visto que “para compreender a verdadeira origem do conto, devemos nos servir, em nossas comparações, dos ensinamentos detalhados sobre a cultura da época” (GUIMARÃES 2000, p.92).

Outra característica muito importante do conto popular é a constante busca do narrador à sua memória, fato que permite reviver suas experiências de modo que possa transmitir ao ouvinte seus conhecimentos através da oralidade, que é seu principal instrumento de construção de sentidos, pois na medida em que narra, o contador vai reconstruindo sua história, mediante toda a dinamicidade e vivacidade da língua.

No conto, assim como em outros gêneros, também podemos perceber a constituição de multimodalidades cujo objetivo é reforçar os sentidos da narrativa seja por meio de expressões gestuais, modo de olhar, entonação de voz, etc. Tudo

isso dá vida ao conto na medida em as modalidades da língua materializam a narrativa, como bem enfatiza Patrinni:

O conto, matéria viva do contador, representa a vida com outros elementos característicos da representação oral: gestos, vozes e melodia, canto e objetos com os quais o contador se envolve. O conto possui um caráter universal e dá as pessoas possibilidades de renovação e de renascimento (Patrinni 2005, p. 172).

Quanto aos procedimentos utilizados no conto popular, Câmara Cascudo (1984), ressalta três pontos importantes para a realização da narrativa: um ambiente que proporcione ao ouvinte um maior nível de atenção; utilização de estruturas como, por exemplo, “era uma vez”, fazendo com que o ouvinte ou leitor crie uma determinada inferência sobre o texto, e sobretudo o uso da voz que propicia a multimodalização da língua por meio de gestos, entonações, etc.

Assim, as multimodalidades da língua permitem ao narrador variadas formas de contar e refazer o conto popular, que dessa maneira, ultrapassa os tempos conforme as memórias vão passando de geração para geração. “Na verdade, quanto mais universal um conto, mais popular será no país” (GUIMARÃES 2000, p.90), por isso a narrativa popular nunca deixa de apresentar reflexos socioculturais das comunidades de onde se origina.

É impossível, portanto, não levar em consideração toda historicidade e cultura que os contos carregam ao logo do tempo, principalmente através da modalidade oral, que nos remete às nossas origens provenientes, muitas vezes, da miscigenação entre índios, africanos e portugueses, fato que proporcionou, inclusive, uma miscigenação cultural.

Em relação aos temas do conto, Darnton (1986), através de estudos das narrativas francesas do século XVIII afirma que, apesar do conto apresentar ficção e fantasia em sua composição, também mostra elementos da realidade, visto que é muito comum observar nas narrativas daquela época, temas vivenciados pelos camponeses como a falta de comida, orfandade, trabalhos excessivos, etc. Assim, ainda podemos perceber esses temas nos dias atuais, na medida em que foram transmitidos de geração para geração com as devidas modificações do tempo, embora as lições de valores tenham permanecido. Vejamos o que diz Guimarães a respeito de temáticas que o conto pode apresentar,

[...] de uma maneira ou de outra, à alimentação ligam-se comportamentos que ora, são repreendidos, como nos casos de excesso, desperdício, gula; ora são recomendados, como nas situações em que se é generoso, em que se sabe partilhar o pouco que se tem (Guimarães 2000, p.97).

Guimarães (2000), observa também que, assim como o alimento, tema muito frequente nos contos, a temática da mulher também é muito comum nos contos citando como exemplo o poema “Teogonia”, em que os deuses presenteiam Epimeteu com uma caixa junto com uma mulher chamada Pandora. Nesta encontram-se todos os tipos de infortúnios, sobrando apenas a esperança. Tudo isso, foi uma forma que os deuses encontraram de castigar Prometeu pelo fato de ter roubado o fogo.

Por isso, é possível que possamos reconhecer um conto através de outro, na medida em que apresenta a mesma temática variando apenas os personagens ou situações, fato que nos dá a sensação de já ter ouvido ou lido aquele conto em outra ocasião. Guimarães (op.cit) nomeia esse fenômeno de interdiscurso ou intertextualidade, visto que:

[...] é na esfera do interdiscurso que devemos observar os pontos comuns e a diversidade dos contos populares, que ora repetem, ora trocam entre si motivos, sequências, personagens e atributos. Quando reencontramos temas, personagens, situações semelhantes ou “já vistos” em contos “Já lidos” ou já “ouvidos”, estamos presenciando o fenômeno linguístico/discursivo característico de todo universo da criação literária, a intertextualidade (Guimarães 2000, p. 115).

Para Lima (1985), assim como o conto é imediato e atualiza-se principalmente por meio da oralidade ao longo do tempo, também é concreto na medida em que mantém sua estrutura. Por isso, para o estudioso, a narrativa está intimamente relacionada à vida, e assim, transforma-se cotidianamente através das gerações, conservando elementos singulares da comunidade pela qual é narrada, intensificando ainda mais a sua linguagem que é altamente popular, principalmente por meio da oralidade e gestualidade.

Assim, para trabalhar o gênero conto em sala de aula, é necessário inicialmente proporcionar ao aluno um contato com a narrativa, para que ele perceba suas características e possa reconhecê-las em qualquer situação, e então, compreender toda a sua dinamicidade em transformar-se ao longo do tempo, na medida em que apresenta temáticas reais, embora mantendo sua originalidade.

2.2.2 O blog: um novo espaço para o uso da escrita

O gênero blog é um excelente instrumento para o uso da leitura e principalmente da escrita. No início, usado, sobretudo, como um tipo de diário virtual. Atualmente os blogs abrem espaço para as mais diversas práticas letradas, visto toda multiplicidade de modalidades linguísticas encontradas nesse gênero como, por exemplo, fotos, sons e cores unidos à escrita, que permitem variadas construções de significados a partir de linguagem verbal e não verbal.

Segundo Komesu (2010), a palavra blog surgiu do vocábulo weblog, que significa arquivo na rede. Esse hipertexto foi criado em agosto de 1999 na empresa do norte-americano Evan Williams. Tal gênero foi bastante utilizado pelo fato de não exigir grandes conhecimentos na área da computação e pela sua gratuidade ou baixo custo no momento da publicação de textos online como bem enfatizado antes.

Para a autora, ao mesmo tempo em que o blog pode ser eternizado pela escrita, também pode ser substituído ou apagado. Outra característica bastante enfatizada é a interatividade tanto do usuário com o computador quanto com outros usuários. Isso tudo, propicia o surgimento de novas práticas de leitura e escrita, visto toda dinamicidade e hibridização atribuída aos gêneros, principalmente no que se refere aos gêneros emergentes, como bem explicita Komesu,

[...] a ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para hospedagem de um *blog* (Komesu 2010, p. 137).

Podemos afirmar que apesar das tecnologias digitais serem modalidades diferentes, contribuem cada vez com o uso da escrita, na medida em que os usuários recorrem constantemente a essa prática em suas comunicações. Podemos

citar como exemplo o blog que tanto pode ser um gênero como um suporte. Esse, através da escrita proporciona ao autor uma maior liberdade no momento de divulgar seus pensamentos, inclusive, podendo usar outras modalidades linguísticas a fim de melhor expressar-se, como bem enfatiza Komesu:

O blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela internet. A ferramenta emprega e possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais (Komesu 2010, p. 139).

Ainda no que se refere à definição de blog, Rodrigues (2008), afirma que tal gênero caracteriza-se pela informalidade e apresentação de assuntos diversos, que podem ser aprofundados pelo leitor por meio de links que permitem o acesso a outros textos relacionados ao assunto. Tudo isso, através de posts publicados por um ou mais autores que ainda podem ser comentados pelos seus hiperleitores, fato que favorece muito a interatividade nesse gênero tanto com os autores como com outros leitores.

Em relação às multimodalidades presentes no blog, a autora afirma que tais semioses definem a personalidade do autor, pois cabe a ele escolher o tipo de fonte, cores, imagens, conteúdo, tipos de gêneros, etc. Tudo isso com o objetivo de atrair o interesse do leitor, visto que a escolha do público alvo é definida de acordo com o estilo do blog.

Ainda de acordo com a pesquisadora, o blog é um ótimo instrumento da comunicação na medida em que favorece a organização e rapidez das informações sobre os mais diversos assuntos. Assim, esse tipo de gênero contribui bastante com as práticas letradas, sobretudo o letramento digital na medida em que é muito interativo e colaborativo no que envolve autores e leitores.

Para a estudiosa, analisar o blog como um diário pessoal é pensar no homem como um reflexo de sua história e cultura através da escrita, cujo objetivo é justamente a comunicação e interação social. Na verdade, o ser humano sempre buscou a interação nas suas práticas sociais, portanto, podemos usar como exemplo disso as pinturas rupestres nas cavernas, que por meio de desenhos pintados nas paredes o homem tentava comunicar-se e interagir socialmente. Então, o objetivo do

uso da escrita, desde tempos remotos até os dias de hoje sempre foi a interação, o que mudou foi o surgimento de novas tecnologias e a revolução digital a fim de acelerar ainda mais a comunicação.

O blog pode ainda ser considerado uma excelente ferramenta no trabalho pedagógico, na medida em que o professor pode publicar os conteúdos da disciplina, utilizando dessa maneira, os multiletramentos para chamar a atenção do aluno conforme mescla linguagem verbal e não verbal.

No que se refere à modalidade escrita, o gênero blog é um ótimo espaço no qual o aluno pode publicar suas produções textuais e ainda usar ilustrações para melhor compreensão e interpretação das ideias contidas no texto. Além disso, os demais alunos podem ler e comentar o texto produzido pelo colega nesse espaço que é altamente interativo, promovendo inclusive debates sobre o tema abordado.

Ainda em relação ao uso da escrita, Rodrigues (op.cit) afirma que o blog tem o poder de ampliar o nível de interação em sala de aula, visto que as produções textuais dos alunos nesse gênero discursivo não ficam estagnadas apenas a leitura do professor, mas podem ser lidas por toda a turma e até pela a escola inteira.

No que se refere à estrutura do gênero blog, Komesu (2005), afirma que não podemos definir seu conteúdo temático, mediante toda infinidade de temas que esse gênero textual pode abordar, como por exemplo a vida pessoal e profissional do autor, etc. Quanto ao estilo verbal, podemos perceber a hibridização de tal gênero através de toda a sua multiplicidade de semioses, visto que o blog, como qualquer outro gênero textual, não apresenta uma forma estanque em sua construção, pois pode transformar-se conforme as necessidades comunicativas e interativas durante as práticas sociais cotidianas.

É necessário, portanto, que o professor explore todos os tipos de letramentos e não apenas os tradicionais, visto que o aluno está imerso em um mundo de novas tecnologias que por sua vez estão sempre se modificando. Assim, é preciso que o docente mude sua metodologia pedagógica com o objetivo de acompanhar os gêneros emergentes, e todas as transformações pelas quais os gêneros já existentes sofrem no meio digital, a fim de despertar o interesse do aluno pela modalidade escrita conforme suas necessidades sócio-interativas cotidianas.

Para (RODRIGUES, 2009, p. 51), o blog pode ser caracterizado como um espaço virtual no qual os interlocutores podem publicar textos sobre os mais diversos assuntos, sendo altamente interativo na medida em que os indivíduos

comentam as postagens nesse ambiente virtual, que funciona dessa maneira, como um excelente espaço para a escrita apesar de apresentar a mescla de várias modalidades linguísticas como imagens e sons, por exemplo. Dessa maneira, esse espaço pode ser considerado um instrumento que favorece a promoção de novos letramentos, visto que,

[...] o blog está hoje mais presente no público adolescente e poderia ser mais aproveitado dentro do ambiente escolar, uma vez que se trata de um ambiente que pode oferecer recursos que consolidam manifestações e ordens de pensamento, bem como servir de canal para o estudo da linguagem (RODRIGUES, 2009, p. 51).

Tendo em vista o blog como um espaço tanto para a leitura como para a escrita com estruturas peculiares, na medida em que apresenta vários gêneros textuais como resenhas, notícias e reportagens, por exemplo, podemos afirmar que o blog pode ser considerado tanto um gênero como um suporte, pois “entendemos aqui como um suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado como texto” (MARCUSCHI 2008, p 174).

CAPÍTULO 3: PROPOSTA DIDÁTICA PARA PROMOÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO POPULAR E BLOG

O surgimento das novas tecnologias de informação na contemporaneidade proporcionou a origem de gêneros emergentes e conseqüentemente novas práticas de letramento. Por isso, visto toda a plasticidade e dinamicidade da língua por meio dos gêneros textuais, é preciso preparar o aluno para lidar com as novas ações sociais nas quais é frequente a explosão de semioses. Pensando nisso propomos uma seqüência didática para a promoção dos multiletramentos através do gênero conto popular e o blog como suporte, onde este gênero se desenvolve, à luz de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Esta proposta justifica-se pela seguinte pergunta: como trabalhar as novas tecnologias em sala de aula no ensino fundamental promovendo a apropriação de habilidades de escrita pelo aluno? Isso é possível através dos multiletramentos que permite uma construção de sentidos por meios das multimodalidades da língua, fazendo com que o aluno atribua significado aos textos por meio de variadas modalidades de comunicação além da escrita.

Esta proposta tem como objetivo, desenvolver atividades que auxiliem o professor a trabalhar com os novos letramentos, bem como, as multimodalidades propiciadas por esse fenômeno linguístico no 9º ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos, queremos proporcionar ao aluno a construção de sentido através das multimodalidades, desenvolvendo assim, habilidades para interagir nas práticas sociais; apresentar as características do conto popular e do blog e associar as modalidades oral e escrita, bem como imagens com a temática apresentada.

Para desenvolvermos a seqüência didática, embasada em Schneuwly e Dolz (2004) apresentamos cinco momentos para uma maior organização das atividades.

1- Apresentação do conto popular:

Nesse momento o professor deve explicar ao aluno todas as etapas da seqüência didática, bem como explanar as características do suporte a ser trabalhado, suas modalidades, finalidades da produção textual e o público alvo, proporcionando assim o contato com o gênero textual. Este proporcionará ao aprendente um significativo aumento de seu conhecimento enciclopédico e textual, necessários para uma melhor escrita. Por isso é interessante que ainda na primeira

fase, o docente leve diversos contos populares para que o discente tenha contato com sua temática, estilo composicional e verbal.

2- Apresentação do blog:

Neste segundo momento da sequência didática, o professor deve conduzir os alunos para a sala de informática a fim de apresentar as características do blog, e assim, explicar que ele pode ser considerado tanto um gênero textual como um suporte para diversos gêneros. Em seguida, o docente deve criar o blog da turma junto com os discentes, para que esse ambiente virtual sirva como um suporte para as suas produções textuais.

3- A escrita do conto:

No terceiro momento da proposta didática, depois da apropriação da estrutura composicional tanto da narrativa como do blog pelo aluno, chegou sua hora de escrever um conto popular. Para isso, o professor deve solicitar ao discente a gravação de um conto narrado por um contador de histórias, tendo em vista que não se deve afastar o conto popular de seu narrador. É interessante proporcionar ao aluno a possibilidade de ouvir e gravar a história de trancoso. Mediante a importância do discente entrar em contato com as mais diversas modalidades da língua, visto que na narrativa a modalidade oral é predominante e, ao mesmo tempo comporta outras modalidades como, por exemplo, gestualidades. Tudo isso será transferido para a modalidade escrita, salvo as mímicas e todo tipo de gestos que poderão ser posteriormente ilustradas pelos alunos. Neste caso, o blog serve como suporte, no qual o aluno publicará suas produções que devem ser corrigidas pelo professor e retornadas a ele para possíveis correções. Vale salientar que neste momento a troca de informações entre professor aluno ocorrerá de maneira individual, através de uma sala criada especialmente para isso.

4- Produção de um glossário:

Neste momento, após a retextualização da oralidade para a modalidade escrita pelo aluno, é importante que o professor auxilie o aprendiz na produção de um glossário, mediante as marcas de oralidade que o conto popular apresenta. Dessa maneira, o docente estará trabalhando a norma culta, e ao mesmo tempo proporcionando ao discente comparar tal modalidade com a linguagem coloquial, tendo em vista as variedades linguísticas presentes no texto.

5- Postagem dos trabalhos no suporte blog:

Já no quinto momento, etapa final da sequência didática, o professor deve conduzir o aluno, novamente, à sala de informática para que ele possa publicar o conto junto com o seu respectivo glossário no blog. Tal ambiente virtual proporcionará a leitura dos contos por outros interlocutores além do discente, na medida em que os próprios alunos poderão manifestar suas opiniões em relação aos contos através de seus comentários no suporte. É interessante também, que o discente aproveite o ambiente multissemiótico e multimodal que o blog oferece, para postar ilustrações relacionadas aos gestos do contador e as histórias narradas, para uma melhor compreensão e interpretação do leitor.

Esperamos que esta atividade possa servir como exemplo para tantas outras que poderão trabalhar os diferentes gêneros, numa construção contínua de novos textos, desenvolvendo assim a pedagogia dos multiletramentos, na medida em que o aluno vivencia situações reais de comunicação por meio dos gêneros trabalhados. Para isso é fundamental que o professor desenvolva sequências didáticas com o objetivo de tornar o aluno agente de sua escrita através do uso de elementos multissemióticos.

É importante enfatizar também o benefício do compartilhamento das atividades desenvolvidas em sala de aula, porque é nesse momento que as produções textuais do aluno poderão ser lidas pelos colegas e até mesmo por outros membros da escola, como professores de outras disciplinas, diretor, coordenador pedagógico e demais funcionários da escola, através do blog que servirá como suporte para os textos do aluno. Dessa maneira, o discente terá uma maior motivação na hora de escrever, tendo em vista seu público alvo e meio de circulação do gênero produzido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho concluímos que a língua é dinâmica e interativa na medida em que se transforma para atender às necessidades de seus usuários. Por isso, constatamos que só podemos nos comunicar através de gêneros textuais orais ou escritos, bem como não verbais que, por sua vez são híbridos e heterogêneos mediante o resultado de nossa história e da diversidade cultural da sociedade.

Mostramos que a hibridização dos gêneros está refletida principalmente no meio digital, pois, através das novas tecnologias de informação percebemos que esse ambiente é rico em múltiplas modalidades de comunicação que ultrapassam a escrita, como por exemplo, o uso de imagens e sons a fim de uma melhor construção de significados.

Tendo em vista a multiplicidade cultural e semiótica cada vez mais presente em nossos textos, chegamos à conclusão de que somente o letramento tradicional voltado apenas para as práticas de leitura e escrita não são suficientes para a atribuição de sentido. Pensando nisso, propusemos uma sequência didática a fim de desenvolver o trabalho com o blog para a promoção da escrita através dos multiletramentos, visto que é um gênero bastante interativo e, por conseguinte, um excelente espaço para o desenvolvimento dessa modalidade da língua.

Nesta perspectiva exploramos a oralidade do conto popular por meio das memórias dos contadores para, em seguida transformá-lo na modalidade escrita, aproveitando o ensejo dos multiletramentos para o trabalho com outras linguagens como as não verbais.

Constatamos também que o trabalho com as sequências didáticas é muito importante, visto que tais procedimentos metodológicos inserem o aluno em situações reais de comunicação, além de propiciar o contato com o gênero textual a ser produzido, por meio de seu estilo temático, composicional e verbal.

Com esta pesquisa, esperamos contribuir, de forma significativa, para o ensino da escrita, principalmente, através dos multiletramentos, com a intenção de trazer para a escola a pluralidade de textos vivenciados por ele em seu cotidiano, a fim de atribuir sentido a suas práticas sociais, na medida em que ele também pode ser agente das produções textuais.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Angelita Silva de. **Variações linguísticas nos contos populares paraibanos**. – João Pessoa, PB: [243]f, 2009. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba (p. 46-53).
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BRAGA, Denise Bértoli. **“A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodernidade para o aprendizado no meio digital”**. In Marcuschi, Luiz Antônio et. al (orgs.). **“Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido”**. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2010 (p. 175-197).
- CASCUDO, Luis da Camara. **Literatura oral no Brasil**. – 3. Ed., Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1984.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **“mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto”**. In MARCUSCHI, Luiz Antônio et. al (orgs.). **“Hipertexto e gêneros digitais”** – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010 (p. 203-206).
- DARNTON, Robert. **O grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. – 2. ed., Rio de Janeiro, Graal, 1996.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004 (p. 95-128).
- GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. – 1. Ed.- São Paulo: Cortez, 2011.
- GUIMARÃES, Maria Flora. **“O conto popular”**. In BRANDÃO, Helena Nagamine et. al (orgs.). **“Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica”**. – São Paulo: Cortez, 2000 (p. 85-116).
- KLEIMAN, Ângela B. [orgs]. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais da escrita**. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- KOMESU, Fabiana Cristina. **“Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet”**. In MARCUSCHI, Luiz Antônio et. al (orgs.). **“Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido”** – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010 (p. 136-139).
- KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet**. – Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem (p.97).

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. In MARCONI, Marina de Andrade et. al (org.). – 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. – 2. ed., São Paulo/Recife: Terceira Margem/Editora Massangana, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "**Gêneros textuais, configuração, dinamicidade e circulação**". In KARWOSKI, Acir Mário et. al (orgs.). "**Gêneros textuais: reflexão e ensino**". – 4. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011 (p. 18-25).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "**Gêneros textuais: definição e funcionalidade**". In DIONISIO, Angela Paiva at. al (orgs.). "**Gêneros textuais e ensino**". – São Paulo: Parábola Editorial, 2010 (p. 19-22).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. "**Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**". In MARCUSCHI, Luiz Antônio et. al (orgs.). "**Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**". – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010 (p. 15-30).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. – São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PATRINNI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**. – São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. – Campinas, SP: [s.n.], 2008. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem (p. 43-79).

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Magno. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. – São Paulo: Cortez, 1997.

XAVIER, Antônio Marcos. "**Leitura, texto e hipertexto**". In MARCUSCHI, Luiz Antônio et. al (orgs.). "**Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**". – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2010 (p. 208-220).